

A resistência é feminina: uma análise discursiva sobre os momentos sombrios e atuais da América Latina

La résistance est féminine: une analyse discursive sur les moments sombres et actuels de l'Amérique Latine

Giovana Benedetto Flores¹
Nádia Maffi Neckel²
Carolina Leoni Fagundes³

Resumo

As eleições na Argentina e as manifestações no Chile em 2019, são acontecimentos históricos que marcam o início do movimento da população para a retirada de governos neoliberais nos países latino-americanos. Enquanto no Chile a população tomou as ruas, reivindicando direitos e melhorias nas políticas públicas, fazendo com que o presidente Piñeda retrocedesse nas decisões, na Argentina, as eleições que levaram ao poder Alberto Fernandez e Cristina Kirchner, foram marcadas por discursos que se assemelharam aos das eleições brasileiras de 2018. A proposta desse artigo é analisar discursivamente fotos que circularam na imprensa: a da bailarina em frente aos tanques do exército, durante a Grande Marcha do Chile, fotografada por Oscar Seguel e Paz Pachy, as imagens do boneco pixuleco, da candidata Cristina Kirchner, nas manifestações durante a campanha presidencial. Nosso objetivo é compreender que memória discursiva é mobilizada no enquadramento da imagem jornalística do pixuleco de Cristina Kirchner nas eleições. Em quais condições de produção circularam as imagens? Para tanto, mobilizaremos noções fundantes da Análise do Discurso franco-brasileira, do discurso artístico e do discurso jornalístico.

Palavras-chave: Memória discursiva. Discurso artístico. Discurso jornalístico

Résumé

Les élections en Argentine et les manifestations au Chili en 2019 sont des événements historiques qui marquent le début du mouvement de la population pour la suppression des gouvernements néolibéraux aux pays latino-américains. Alors qu'au Chili la population s'est emparée des rues pour revendiquer des droits et du progrès dans les politiques publiques, ce qui a forcé le recul du président Piñeda vis-à-vis des décisions déjà prises, en Argentine les élections qui ont consacré Alberto Fernandez et Cristina Kirchner au pouvoir ont été marquées par des discours qui ressemblaient ceux des élections brésiliennes en 2018. Cet article propose de faire l'analyse discursive des photographies circulant dans les médias : celle d'une danseuse de ballet devant les chars militaires pendant la Grande Marche du Chili, prise par Oscar Seguel e Paz Pachy, et les images de la poupée gonflable géante de la candidate Cristina Kirchner aux manifestations pendant la campagne présidentielle. Notre objectif est de faire comprendre que la mémoire discursive est mobilisée dans le cadrage de l'image journalistique de la poupée attribuée à Cristina Kirchner pendant les élections. Ainsi, dans quelles conditions de production ont circulé les images ? À cet effet, nous emploierons des notions fondatrices de l'Analyse du Discours franco-brésilienne, du discours artistique et du discours journalistique.

¹ Docente do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6515-4148>.

² Docente do Curso de de Cinema e Audiovisual e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3833-2863>.

³ Jornalista e Mestre em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5222-8179>.

Mots-clés: *Mémoire discursive. Discours artistique. Discours journalistique*

Recebido em: 27/03/2021

Aceito em: 30/04/2021

Considerações iniciais

Os anos de 2019 e 2020 terminaram ou não? Como a exemplo de 1968⁴, sofremos ainda, os efeitos do turbilhão de 2018. Um ano marcado por acontecimentos políticos importantes para a América Latina em geral e, em particular, para o Brasil. Um ano que foi preciso resistir e re-existir. Resistir muito para que a nossa tão fraca democracia consiga uma sobriedade, um respiro, para que possamos voltar a ter esperanças. (Re)-Existir pois a democracia que conhecíamos, o Estado que conhecíamos, aos poucos foi sendo desmontado, direitos retirados, espaços de discussões interditados ou censurados (a exemplo das mostras artísticas do Santander Cultural, MAM, Casa França Brasil, desponte a ANCINE, Funarte, entre outros ...). Como se isto não bastasse, 2020 veio para nos deixar mais sem esperanças, principalmente os brasileiros, que viram os governantes negar a importância da ciência, desprezar as vidas humanas que foram ceifadas pela pandemia da covid-19 e apostar na destruição do país, pela doença e pelas políticas neoliberais do atual ocupante do Palácio do Planalto.

Nos últimos meses de 2019, o movimento de resistência da população se deu em cenários diferentes, como por exemplo, na Argentina e no Chile, mas todos com um mesmo “fio condutor”: “dar um basta” à política neoliberal dos governos, que eleva os índices de pobreza e fome na América Latina. Estamos tomando como acontecimentos históricos esses dois momentos: as eleições na Argentina e as manifestações no Chile.

Enquanto no Chile a população tomou as ruas, reivindicando direitos e melhorias nas políticas públicas, fazendo com que o presidente Piñera retrocedesse nas decisões; na Argentina, a população elegeu Alberto Fernandez e Cristina Kirchner. Para esse artigo, nos propomos a analisar discursivamente fotos que circularam na imprensa a respeito do cenário político da América Latina, a saber: a da bailarina em frente aos tanques do exército, durante a Grande Marcha do Chile, fotografada por María Paz Morales (Paz Pachy) e Oscar Seguel, as imagens do boneco pixuleco⁵, da candidata Cristina Kirchner, nas manifestações durante a campanha presidencial. Vamos também fazer um contraponto a

⁴ Paráfrase do livro “1968: o ano que não terminou”, do jornalista Zuenir Ventura.

⁵ Esse tipo de boneco surge no Brasil durante as ações do golpe jurídico/parlamentar/midiático e a publicização da operação lava-jato. “Como surgiu o Pixuleco? Foi depois de 15 de março de 2015, quando milhões foram às ruas pedir o impeachment de Dilma. Eu disse para o Movimento Brasil de Alagoas que era importante ter algo que simbolizasse a indignação do brasileiro. Surgiu daí a ideia de criar o boneco gigante inflável, com 15 metros de altura. Alguém que fez o que o Lula fez, sendo o líder, tinha de estar preso. No começo, o boneco não tinha nome. Pensei em chamá-lo de Luleco, mas aí apareceu o “Pixuleco”, associado a propina, e tomou uma força gigantesca. Tivemos todos os cuidados. Quais? Não queríamos banalizá-lo. Como pediam demais o boneco nas ruas, fizemos versões pequenas, e a partir delas surgiram outras. Mas não é assim como o grande. Há apenas alguns espalhados — não falo quantos —, guardados com pessoas de confiança. O Pixuleco tem mente e inteligência por trás. Por isso está vivo até hoje.” Fonte: <https://veja.abril.com.br/blog/veja-gente/criador-diz-que-seu-pixuleco-so-perde-validade-se-lula-for-pres/>. Acesso em: 03 dez. 2019. Há inclusive uma loja virtual para comercialização destas peças, cujo layout está completamente alinhado com a identidade visual com a proposição publicitária do atual governo: <http://www.pixulecooficial.com.br/>.

estes momentos, com as reportagens sobre Cristina Kirchner e Dilma Rousseff, durante o período que foram presidentas.

Nosso objetivo é compreender os sentidos mobilizados por uma memória discursiva no e pelo enquadramento da imagem jornalística da bailarina chilena, do pixuleco de Cristina Kirchner e das reportagens sobre as presidentas Dilma Rousseff e Cristina Kirchner. Em quais condições de produção circularam as imagens e as reportagens? Para tanto, estaremos mobilizando noções fundantes da Análise do Discurso franco-brasileira, do discurso jornalístico e do discurso artístico.

Para responder essas perguntas discursivas, mobilizamos os conceitos discursivos de memória discursiva, condições de produção e circulação.

Primeiro movimento de análise

Como já falamos anteriormente, a nossa proposta é analisar duas imagens que circularam na mídia em geral e nas redes sociais, na América Latina, bem como as reportagens dos jornais Clarin, da Argentina, Nexo e Folha de São Paulo, do Brasil, sobre as presidentas.

A primeira imagem é do boneco pixuleco, usado por simpatizantes da direita na Argentina, durante manifestações de apoio ao governo Macri, nas eleições que ocorreram em outubro de 2019. A chapa liderada por Alberto Fernandez que teve como vice a ex-presidenta Cristina Kirchner, venceu as eleições ainda em primeiro turno. O boneco pixuleco, uma réplica do boneco usado pela direita brasileira, representando o ex-presidente Lula da Silva, também marcou a vice-candidata e ex-presidenta vestida com uniforme presidiário e segurando uma bolsa com dinheiro na mão direita, e na mão esquerda, manipulando um fantoche que representava o candidato à presidência. Paráfrase direta dos bonecos de Lula e Haddad utilizados no início do movimento eleitoral no Brasil em 2018.

Figura 1: panfleto distribuído na manifestação



Fonte: Desconhecida.

Figura 2: Manifestação e pixuleco das eleições na Argentina



Fonte: Uol.com.br⁶.

⁶ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2019/10/25/eleicoes-na-argentina-podem-mudar-rumos-do-combate-a-corrupcao.htm>. Acesso em: 25 out. 2019.

A partir dessas imagens, podemos pensar na questão da memória, conforme proposto por Pêcheux em O papel da Memória, em que “a memória deve ser entendida aqui não no sentido diretamente psicologista da ‘memória individual’, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas[...]” (PÊCHEUX, 2007, p. 50). Retomando a nossa pergunta discursiva, qual memória é mobilizada nessas imagens? Buscando responder discursivamente, notamos a regularidade nos dizeres sobre os ex-presidentes/as de esquerda, tanto na Argentina como no Brasil. Ao trazer o pixuleco, de Cristina Kirchner, tendo em uma mão uma mala de dinheiro e na outra uma marionete com a imagem do candidato majoritário, Alberto Fernandez, a imagem mobiliza uma memória sobre os processos jurídicos contra a candidata, a respeito do imposto de renda. Também mobiliza a memória de “manobrar” o candidato majoritário. Essa memória nos remete, como dissemos, à eleição brasileira de 2018, na qual o candidato petista Fernando Haddad era chamado de “poste” pela oposição, porque estava substituindo o ex-presidente Lula. Também podemos voltar um pouco no tempo para mostrarmos como a ex-presidenta Dilma Rousseff era marcada nos jornais brasileiros. Podemos ver estas marcas, por exemplo, no jornal Nexo, na reportagem intitulada “O que há de Lula no governo Dilma”.

Figura 3: Lula no governo Dilma.

EXPRESSO

O que há de Lula no governo Dilma

Lilian Venturini 11 de nov de 2015 (atualizado 29/03/2016 às 16h04)

Estilo do ex-presidente já predomina em áreas centrais da administração, tudo para tentar salvar o mandato da sucessora

Q f

EX-PRESIDENTE LULA NO ESCRITÓRIO DA CASA ROSADA, DURANTE VIAGEM À ARGENTINA

Dilma Rousseff tentou evitar, mas não deu. Com a base no Congresso rebelada e a economia em crise, a presidente cedeu espaço e dividiu por fim o assento com seu padrinho político, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

No primeiro mandato, a presidente tentou ganhar estatura e deixar seu próprio estilo. Mas, em 2015, a crise foi maior. Nos últimos dez meses, Lula vem crescendo no governo. Hoje, é possível notar sua influência em áreas centrais da administração, como mudanças na Esplanada e na articulação política.

Agora a próxima tentativa de Lula é tirar Joaquim Levy do Ministério da Fazenda e substituí-lo por Henrique Meirelles, ex-presidente do Banco Central. O petista desconversa quando questionado sobre o assunto ou sobre sua influência no governo Dilma. “O ministro da Fazenda é um problema da Dilma”, disse em entrevista ao jornalista Roberto D’Ávila.

Na última vez que falou sobre o ministro, em sua viagem à Turquia na semana passada, Dilma disse que Levy “fica onde está” e que não precisa concordar com tudo o que Lula diz. Mas aqui estão algumas das marcas já deixadas pelo ex-presidente no segundo mandato:

FOTO: NACHO DOCE/REUTERS - 14.10.2015



DILMA E LULA PARTICIPAM DE CONGRESSO PROMOVIDO PELA CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES, EM SÃO PAULO

Fonte: Nexo, 11 nov. 2015⁷.

A presidenta Dilma desde o início da sua primeira campanha presidencial foi considerada uma marionete do ex-presidente Lula e mesmo durante o seu governo, foi atacada com falas constantes de que ela assinava, mas quem decidia era o ex-presidente. Assim, vemos a partir da imagem apresentada, que o jornal construiu em sua reportagem uma posição-sujeito presidenta incapaz, e acabou rememorando a ideia de que a mulher precisaria do homem para governar ou ainda que não teria essa capacidade sozinha. Apesar de se diferenciar da presidenta Kirchner, que é colocada como a que manda, Dilma Rousseff é colocada numa posição de marionete. Contudo, o sentido produzido é sempre o

⁷ Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2015/11/11/O-que-h%C3%A1-de-Lula-no-governo-Dilma>. Acesso em: 14 nov. 2020.

de afastamento político, daquela que não deveria estar ali, que de uma forma ou de outra está errada.

A imagem, bastante emblemática, direciona o sentido de que Lula estaria carregando a mandatária, a guiando para os próximos passos. Apesar de ser uma forma bastante comum de o ex-presidente segurar alguém, a escolha da imagem com o texto constrói o sentido de marionete.

Pensando discursivamente, entendemos a memória aqui como “um operador de memória social, comportando no interior dela mesma um programa de leitura, um percurso escrito discursivamente em outro lugar” (PÊCHEUX, 2007, p. 51). Retomando as figuras 1 e 2, ao reproduzir o pixuleco com a imagem da candidata da Argentina, os manifestantes estão produzindo o efeito de repetibilidade, em que a memória que permanece é de que a esquerda latino-americana é formada por ladrões, presidiários e que não pode ser eleita. Discursivamente entendemos que o regime de repetibilidade não é a repetição palavra por palavra, mas de uma regularidade, que leva a ressignificação, num efeito de paráfrase. Portanto, a paráfrase se dá na reprodução do pixuleco nas manifestações na Argentina, marcando os mesmos dizeres sobre a esquerda brasileira, e dos candidatos mais populares dos dois países. Produz assim um efeito de que todo o movimento de esquerda é formado por criminosos. No limite, a repetibilidade destes sentidos, retoma no nível interdiscursivo o “perigo do fantasma comunista”, sentidos esses que circularam amplamente durante os regimes ditatoriais de direita nos anos 60 na América Latina.

Também nos chama a atenção nesse efeito de paráfrase e nesse regime de repetibilidade, o discurso do ódio, marcado em diversas manifestações. O filósofo esloveno, Slavoj Žižek, em sua obra *Violência: seis reflexões laterais*, afirma que é preciso “recuar” da maneira de entendermos a violência subjetiva, visível e identificável como os crimes, terrorismos e confrontos, para compreender outro tipo de violência, que é a “violência simbólica, encarnada na linguagem”.

Segundo Žižek:

[...] essa violência não está em ação apenas nos casos evidentes [...] de provocações e de relações de dominação social que nossas formas de discurso habituais reproduzem: há uma forma ainda mais fundamental de violência que pertence à linguagem enquanto tal, à imposição de um certo universo de sentido. [...] a violência objetiva é precisamente aquela inerente a esse estado “normal” de coisas. A violência objetiva é uma violência invisível (ŽIŽEK, 2014, p. 23-24, grifo do autor).

Esse discurso do ódio está muito presente nas manifestações de rua ou mesmo nas redes sociais, inferiorizando alguém, cujos sujeitos se inscrevem nas formações ideológica e discursiva desse discurso de direita. Segundo Cazarin e De Souza (2019, p. 139) quando rompe o ‘estado normal de coisas’ (conforme Žižek, 2014) “emerge a intolerância, a discriminação, a hostilização materializada em discursos de ódio, ou seja, a violência simbólica encarna-se na linguagem procurando impor a reprodução das relações de dominação/subordinação”. Entendemos que essa relação de dominação/subordinação está ligada ao interdiscurso, que designa todo “complexo com dominante das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas e submetido à lei de desigualdade-contradição- subordinação” (PÊCHEUX, 2009, p. 148-149). Ou como explica Maldidier (2003, p. 53), “o interdiscurso em sua intrincação com o complexo das formações ideológicas, ‘fornece a cada sujeito’ sua ‘realidade’, enquanto sistemas de

evidências e de significações ‘percebidas-aceitas-sofridas’”. É por meio das formações ideológicas que esse processo se marca no político, na relação com as lutas de classes. A partir destas noções fundantes da AD, podemos compreender o discurso jornalístico, que de acordo com Mariani (1998), atua como um discurso pedagógico autoritário, com estruturas bastante rígidas, em que o saber é passado de uma pessoa para várias, transmitindo uma única verdade e um só sentido possível. Assim, os atravessamentos do discurso autoritário no discurso jornalístico, também pode ser visto na Folha de São Paulo, que em 05 de abril de 2009, publicou uma notícia intitulada, “Grupo de Dilma planejou sequestro de Delfim Netto”.

Figura 4: Nota na coluna Poder.

The image shows a screenshot of a news article from the website 'Folha Online'. The article title is 'Grupo de Dilma planejou sequestro de Delfim Netto'. The text includes a sub-headline 'poder' and a date '35/04/2009 04h57'. The main text discusses a clandestine group led by Dilma Rousseff planning to kidnap Delfim Netto. It mentions a report by Fernanda Odilla and a source, Antonio Roberto Espinosa, who claims to have been part of the plan.

Fonte: Folha de São Paulo, 05 de abril de 2009⁸.

Vejamos as sequências discursivas:

SD1 - Um grupo clandestino do qual a atual ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, fazia parte planejava sequestrar Delfim Netto. [...] Dilma sabia que o grupo tramava o sequestro.

É importante pontuarmos as condições de produção do jornal Folha de São Paulo, assim como sua inscrição no interior de uma Formação Discursiva (FD) com dominante. É primamente ressaltar que a FD do Jornal Folha de São Paulo (FSP) é completamente alinhada com a formação discursiva dominante da grande imprensa no Brasil. Assim, a FSP tende a se posicionar contra a esquerda, inclusive, na recente história brasileira, com o seu apoio ao golpe militar de 1964 e ao golpe institucional e midiático de 2016⁹.

Assim, a SD1 mobiliza outra memória a respeito da presidenta, a memória discursiva, que segundo Orlandi:

A memória por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada palavra (ORLANDI, 2005, p. 31).

⁸ Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/poder/2009/04/546194-grupo-de-dilma-planejou-sequestro-de-delfim-netto.shtml>. Acesso em: 30 abr. 2019.

⁹ Consideramos o processo de impeachment de 2016, contra a presidenta Dilma Rousseff, um golpe institucional, ou seja, foi viabilizado não por poder militar, mas pelo próprio Estado e partidos políticos que articularam a saída da presidenta de forma ilegal.

Por isso, quando a FSP traz essa reportagem em 2009, quando Dilma começava a ser cotada para candidatura do PT, lembra o período da ditadura, em que Dilma era da oposição armada. O jornal reforça os dizeres de que Dilma era uma guerrilheira, assassina e tantos outros nomes que foram usados contra a mesma pela mídia, durante o seu período de candidatura. Ou seja, o discurso jornalístico nesse caso, mobiliza essa memória da guerrilheira, essa memória da terrorista e comunista. Porém, para que essa mobilização da memória funcionasse, tivesse efeito na eleição um ano depois, foi preciso também contar com a ordem da repetibilidade no jornalismo, que segundo Indursky:

Ao inscrever seu discurso na ordem da repetibilidade, o sujeito produz um duplo movimento. Inicialmente retira seu discurso de uma rede de formulações pré-existent (COURTINE, 1981) e, ato contínuo, reinscreve seu dizer nesta mesma rede de formulações. Ou seja: os saberes originam-se na rede de formulações e a ela retornam, instituindo uma espécie de moto perpétuo ou, se preferirmos, um ciclo de repetibilidade (INDURSKY, 2003, p. 103).

No caso do jornalismo, esse mesmo sentido da Dilma guerrilheira foi repetido inúmeras vezes, em diversos jornais durante o ano, seja com matérias ou com imagens (como a de Rousseff, no Tribunal Militar), o mesmo sentido se repetiu constantemente, para cristalizar esse efeito de mulher comunista, terrorista, guerrilheira. Uma mulher guerrilheira, não presidenta. Sentidos que mais tarde grudam no significado de criminosa. Ou seja, há uma sobreposição dos sentidos que vão reiterando uma possibilidade de condenação. Os sentidos não se deslocam, eles deslizam sobrepondo-se sempre em uma personagem condenável. Ou seja, o golpe midiático institucional era, de fato, um projeto da extrema direita.

Em recente trabalho, Orlandi (2019, p.26) explica a distinção entre o político e a política. Segundo a autora, o político é tratado “como a divisão necessária de sujeitos e sentidos, na sua determinação histórico-social. [...] a política é considerada tradicionalmente como a ‘arte de governar’, envolvendo a sociedade, definindo-se, retoricamente, como a arte de falar pelos outros”¹⁰. Podemos observar nas imagens das manifestações na Argentina, as marcas do político, enquanto divisão de classes. Historicamente a classe dominante, a burguesia, não aceita governos populares de esquerda, por isso é possível o atravessamento da política, tal como nos mostra Orlandi. Tais processos de produção de sentido se marcam tão fortemente nessas imagens, porque é pela organização dos grupos da direita que se (re)produz o discurso do ódio contra a esquerda e minorias.

Segundo movimento de análise

Nosso segundo movimento de análise debruça-se na foto da Bailarina Chilena em frente ao tanque de guerra durante o levante popular no Chile.

¹⁰ Grifos da autora.

Figura 5: Com arte, chilenos criam nova forma de protesto.



O registro fotográfico foi realizado no dia 25 de outubro de 2019, pela fotógrafa María Paz Morales¹², neste dia em que diversas performances tomaram a Praça Itália, a foto desta bailarina viralizou na Internet. Entre os muitos passos de dança realizados pela bailarina esse clic do grand jetés, salto que consiste lançar-se com as pernas em abertura e esticadas, tornou-se o ícone da liberdade aclamada pelo povo chileno.

A imagem nos mostra um corpo de mulher em voo, frente ao tanque de guerra. Na equivocidade da imagem que se marca no confronto da leveza de um movimento corpóreo da dança, o peso consistente do metal do tanque de guerra e, ao mesmo tempo, de um regime de dominou aquele país. O que pode um corpo frente ao poderio bélico?

O movimento leve/forte da bailarina Catalina Duarte é captado pelo clic certo de outra mulher, esse exato momento materializa mais que um registro fotográfico, poderíamos dizer que se trata antes de um registro de sororidade. As gestualidades leves e delicadas do ballet clássico vão para a aspereza do asfalto, a rudeza das ruas e enfrentam o peso e a truculência das armas de guerra. No ballet é preciso muita força corpórea para lançar um corpo e produzir um efeito de leveza no ar, mas trata-se de uma força não aparente, uma força não explícita, frente à uma exposição explícita e em excesso tal como as armas de guerra.

Outro significativo importante aqui é que a bailarina veste vermelho que, além de ser uma das cores da bandeira daquele país, também é a cor símbolo de resistência. A cor vermelha remete a sentidos de luta. O vestido vermelho, nesse enquadramento, está em pleno combate com o tanque de guerra.

É possível marcar tais sentidos a partir da noção de Tecedura (NECKEL, 2010), cujo funcionamento discursivo se dá a partir de uma teia metafórica de memórias em imagens, que em suas conexões e buracos, constitui-se memória/esquecimentos de modo constitutivo. Assim, a textualidade de foto da bailarina ganha ainda mais potência ao colocarmos ao seu lado um outro registro fotográfico de tanque de guerra e corpos:

¹¹ Disponível em: <https://revistaforum.com.br/global/com-a-arte-chilenos-criam-uma-nova-forma-de-protesto-para-vencer-a-truculencia-neoliberal/>. Acesso em: 29 out. 2019.

¹² Disponível em: <https://www.meganoticias.cl/nacional/280514-maria-paz-morales-fotografa-bailarina-manifestacion-marcha-santiago.html>. Acesso em: 25 out. 2019.

Figura 6: Ação militar no Rio de Janeiro.



Fonte: R7 Notícias¹³.

Trata-se de uma operação militar na comunidade de Manguinhos/Jacarezinho no Rio de Janeiro em 2017. A reportagem do R7 é uma apologia à força militar e o “quanto a comunidade funciona normalmente, longe da ação do crime”. Na imagem, um militar, um tanque de guerra e uma mulher sendo revista, enquanto outra, com uma criança de colo, aguarda.

Sentidos e imagens que se confrontam em sua equivocidade nos interpelam frente ao real da dominação e da resistência. Imagens que convocam e sobrepõe os aparelhos ideológicos e repressivos do Estado tal como nos ensinou Althusser.

Ainda na tecedura de imagens trazemos uma terceira em efeito de paráfrase/memória:

Figura 7: Presidenta Dilma no desfile de 7 de setembro de 2015.



Fonte: Foto Dida Sampaio/Estadão¹⁴.

Ousamos nomear essa imagem de vitória vigiada, o que viria a se confirmar em 2016. Por todas essas relações é que a potência do gesto de Catalina extrapola as fronteiras

¹³ Disponível em: <https://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/rj-no-ar/videos/acao-militar-no-rio-submete-moradores-a-revistas-em-tanques-de-guerra-22082017>. Acesso em: 25 out. 2019.

¹⁴ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/blindada-dilma-assiste-ao-desfile-de-7-de-setembro/>. Acesso em: 10 nov. 2019.

do seu país. E devolve-nos um pouco de esperança. Que nossas pernas possam saltar e que o tanque não nos persiga.

Trazemos também neste momento a noção de gênero para essa discussão. Dentro deste contexto patriarcal, o gênero se torna também uma forma de resistência, ao assumir posições deliberadamente negadas às mulheres. Para olharmos a mulher no discurso jornalístico, precisamos retornar à noção de lugar social da mulher, que existe a partir da formação social, conforme Grigoletto:

[...] a formação social compreende o espaço empírico que, por sua vez, abriga as diferentes formações ideológicas, as quais interagem com as relações de poder institucionais, determinando o lugar social que o sujeito ocupa na sociedade. É a práxis social (GRIGOLETTO, 2005, p. 8).

Quando falamos de um lugar social, estamos falando também de práticas discursivas, mas principalmente de um espaço empírico, determinado por relações de poder institucionais. Ou seja, quando falamos desse lugar social da mulher, é da mulher ocidental, determinada pelo patriarcado ocidental, que é a principal relação de poder atual, já que o patriarcado sustenta a estrutura do capitalismo, que também é complementar a essa ideologia dominante no espaço discursivo. Dessa forma, quando tratarmos do lugar social da mulher no discurso político, estamos entendendo esse lugar como lugar que é permitido pelo patriarcado para as mulheres. Afinal, estamos vivendo inscritos na formação discursiva machista/patriarcal, que vai impor os limites e a liberdade da mulher.

Outro exemplo midiático que podemos trazer para constituir melhor essa visão é sobre o jornal Clarín, em que há uma desvalorização da figura da mulher política, mas por seguir os padrões de feminilidade. Na edição do dia 21 de setembro de 2013, a reportagem do jornal Clarín traz a presidenta Kirchner em uma visita à cidade de Ezeiza. O jornal destaca sua calça apertada, na seção de política, em detrimento do que a presidenta estava fazendo no local, ou mesmo de qual evento estava participando, em uma das cidades mais importantes do país.

Figura 8 – Reportagem Jornal Clarín.



Fonte: Clarín, 21 de setembro de 2013¹⁵.

¹⁵ Disponível em: https://www.clarin.com/politica/dia-irrumpieron-calzas_0_BkZtgNowQg.html. Acesso em: 14 nov. 2020.

Y un día se habló sólo de calzas. “Las calzas de Cristina”. Es que el look que exhibió la Presidenta ayer, en su visita al partido de Ezeiza, mandó a un segundo plano cualquier otra consideración sobre el significado de ese acto. Pero no sólo eso: las calzas, (o leggings) que exhibió la Presidenta obligaron también a hablar de la figura de su cuerpo. Las más observadoras destacaron la buena forma de las piernas de una mujer de 60 años. Y de su cuerpo en general. “Está más flaca”, se dijo en las redes sociales. Es que no se habló de otra cosa desde que aparecieron las primeras imágenes. En territorios habitualmente tajantes, como Twitter y Facebook, donde los juicios, a favor y sobre todo en contra, suelen ser inapelables, Cristina cosechó más elogios que críticas. Las más detallistas, apostaban al efecto de una cirugía. Otras, de un “short contenedor”, que ayuda a tornear las piernas. Los más audaces, hablaron del “voto calza”. Todo vale (CLARÍN, set. 2013).

Vejamos:

SD2 - mandó a un segundo plano cualquier otra consideración sobre el significado de ese acto. Pero no sólo eso: las calzas, (o leggings) que exhibió la Presidenta obligaron también a hablar de la figura de su cuerpo. Las más observadoras destacaron la buena forma de las piernas de una mujer de 60 años.

Na SD2, Cristina Kirchner já era presidenta do país e estava realizando uma visita oficial a Ezeiza. O Clarín, no entanto, formulou uma notícia sobre sua vestimenta. Percebemos um apagamento das questões políticas que marcam a visita da presidenta a Ezeiza. Esse apagamento silencia a posição-sujeito presidenta assumida por Kirchner, a reduzindo a um corpo feminino, a um corpo que merece ser apreciado por sua boa aparência física dentro do padrão desejável pela sociedade patriarcal.

O funcionamento do discurso jornalístico tanto no Clarín, quanto nessa matéria em específico, produz sentidos de que o modo de se vestir da presidenta é mais relevante do que sua ação política, que foi a entrega de uma obra importante para a comunidade portenha.

Ao colocar em evidência as calças de Kirchner, o Clarín mobiliza uma memória que entendemos como a memória social do leitor, sobre como e em que posição deveria estar a mulher dentro da política. De acordo com Davallon (2015), para que uma memória possa ser considerada uma memória social “há necessidade de que o acontecimento lembrado reencontre sua vivacidade; e, sobretudo, é preciso que ele seja reconstruído a partir de dados e de noções comuns aos diferentes membros da comunidade social” (DAVALLON, 2015, p. 23). Ou seja, o funcionamento do discurso do Clarín, mobilizou uma memória já existente, já cristalizada, trazendo como argumento a vestimenta e o corpo da presidenta, reforçando com dados, imagens e textos, qual seria o lugar da mulher dentro da política: decorativa, apenas como primeira-dama e seguindo a ex-primeira-dama brasileira: bela, recatada e do lar.

Outro ponto constante nessa reportagem é o apagamento da posição-sujeito presidenta. Não há um pronome de tratamento sendo utilizado e toda a sua posição de poder é apagada, para que seja debatida sua presença formulando apenas um sentido possível: do lugar social da mulher.

O Clarín, em especial por conta da sua historicidade, trabalha o tempo todo atuando como o porta-voz da ideologia dominante que, neste caso, está no espectro político mais conservador. Assim, percebemos o atravessamento do discurso machista e por uma retomada de memória constante do que seria o sujeito mulher, ou seja, um sujeito que está associado ao corpo e roupas, nunca a uma posição de liderança política, afastando a imagem de Cristina Kirchner de ser associada a uma figura política e a aproximando do que se espera de uma mulher de 60 anos, ou, por exemplo, de uma bailarina que enfrenta os militares.

Essas marcas de local permitido para mulher são rememoradas o tempo todo pelo discurso jornalístico, trazendo a estética como primordial para a posição-sujeito mulher. Ou seja, existe uma possibilidade dessa mulher na política, mas ela é de uma única maneira, pelo corpo, pelo aspecto físico, é nessa posição que é permitida a mulher e não em outra.

Considerações finais

Entendemos que essas imagens colocam em funcionamento a memória do discurso artístico (bailarina chilena) e do discurso jornalístico (pixuleco), como “operadoras da memória social” conforme afirma Pêcheux (e já citado acima). Pensar nas imagens, que circularam na mídia, em pouco espaço de tempo, nos faz compreender a situação da América Latina frente as propostas neoliberais na economia, com aumento da fome, da pobreza, do genocídio negro e indígena, do feminicídio crescente¹⁶, do desmonte da educação, da censura às artes, aos livros, à cultura e as agências de fomento (CNPq, ANCINE, FUNARTE).

Se, por um lado a imagem do pixuleco traz marcas do discurso do ódio por governos que pensam nas minorias, a imagem da bailarina, nos mostra a resistência de um povo que luta para que governos autoritários não matem (de vez) a já tão fraca democracia.

Como dizem os pesquisadores/professores Levitsky & Ziblatt, na obra *Como As Democracias Morrem*:

Uma vez que um aspirante a ditador consegue chegar ao poder, a democracia enfrenta um segundo teste crucial: irá ele subverter as instituições democráticas ou ser estrangido por elas? [...] As instituições se tornam armas políticas, brandidas violentamente por aqueles que as controlam contra aqueles que não a controlam. É assim que os autocratas eleitos subvertem a democracia - aparelhando tribunais e outras agências neutras e usando-as como armas, comprando a mídia e o setor privado (ou intimidando-os para que se cale) e reescrevendo as regras da política para mudar o mando de campo e virar o jogo contra os oponentes. O paradoxo trágico da via eleitoral para o autoritarismo é que os assassinos da democracia usam as próprias instituições da democracia

¹⁶ O “Mapa da Violência no Brasil 2012” mostrou que, de 1980 a 2010, o número de mulheres assassinadas no Brasil cresceu 217,6%. Só em 2019, os casos de feminicídio aumentaram 76% no 1º trimestre de 2019 em São Paulo. (<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/04/29/casos-de-feminicidio-aumentam-76percent-no-1o-trimestre-de-2019-em-sp-numero-de-mulheres-vitimas-de-homicidio-cai.ghtml>) . Em 14 de março de 2018, assistimos, estarecidos, a mais um assassinato: “Mais uma mulher”, Negra, Mãe na Adolescência, Da favela, Militante, Lésbica, e a Vereadora mais votada do Rio de Janeiro: “assassinada”. Sua militância/liderança foi abafada. Hoje, 2021, seguimos sem justiça.

- gradual, sutil, e mesmo legalmente - para matá-la (LEVITSKY & ZIBLATT, 2018, p. 18-19).

Parafraseando o poeta: “E, que a arte nos aponte uma resposta, porque é preciso simplicidade para fazê-la florescer” (Metade, Oswaldo Montenegro).

Que sejamos capazes de saltar frente aos tanques do machismo e do autoritarismo que instalam uma política de morte. Que a arte nos aponte caminhos para uma política de vida.

Referências

ACÇÃO militar no Rio submete moradores a revistas em tanques de guerra. **R7**, RJ no Ar, 22 ago. 2017. Disponível em: <https://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/rj-no-ar/videos/acao-militar-no-rio-submete-moradores-a-revistas-em-tanques-de-guerra-22082017>. Acesso em: 10 nov. 2019.

CAZARIN, E. A., DE SOUZA, M. J. A banalização do discurso do ódio na sociedade contemporânea. In: MITTMANN, S.; DE CAMPOS, L. J. (orgs.) **Análise do discurso: da inquietude ao incômodo lugar**. Campinas: Pontes Editores, 2019.

COSTA, Ana Clara. Blindada, Dilma assiste ao desfile de 7 de Setembro. **VEJA**, Política, 7 set. 2015. <https://veja.abril.com.br/politica/blindada-dilma-assiste-ao-desfile-de-7-de-setembro/>. Acesso em: 10 nov. 2019.

DAVALLON, J. A imagem, uma arte de memória. In: **Papel da Memória**. Ed. 4. Campinas: Pontes Editores, 2015.

GRIGOLETTO, E. **Do lugar social ao discursivo: o imbricamento de diferentes posições sujeito**. In: Seminário de Estudos em Análise do Discurso UFRGS, 2005, Porto Alegre. Anais eletrônicos...Porto Alegre: UFRGS, 2005. Disponível em: [3<http://anaisdosead.com.br/2SEAD/SIMPOSIOS/EvandraGrigoletto.pdf>](http://anaisdosead.com.br/2SEAD/SIMPOSIOS/EvandraGrigoletto.pdf). Acesso em: 15 nov. 2019.

GRUPO de Dilma planejou sequestro de Delfim Netto. **Folha de São Paulo**, Edição de 05 abr. 2009. Disponível em: <https://folha.uol.com.br/poder/2009/04/546194-grupo-de-dilma-planejou-sequestro-de-delfim-netto.shtml>. Acesso em: 14 nov. 2020.

INDURSKY, F. LULA LÁ: estrutura e acontecimento. **Organon**, [S.L.], v. 17, n. 35, 21 jun. 2003. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <http://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.30020>.

LEVITSKY, S; ZIBLATT, D. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2018.

MALDIDIER, D. **A inquietação do discurso**. (Re)ler Michel Pêcheux hoje. Campinas: Pontes Editores, 2003.

MARIANI, B. **O PCB e a imprensa:** os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989). Rio de Janeiro: Revan; Campinas: UNICAMP, 1998.

NECKEL, N.R.M. **Tessitura e Tecedura:** movimentos de compreensão do artístico no audiovisual. Tese de doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas/SP, 2010.

ORLANDI, E. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. Campinas: Pontes Editores, 2005.

ORLANDI, E. Política e silêncio na América Latina: quando se fala pelo outro. *In:* GRIGOLETTO, E. *et al.* (orgs.) **Silêncio, memória, resistência:** a política e o político no discurso. Campinas: Pontes Editores, 2019.

MONTENEGRO, O. Metade. Letra e Música disponíveis no Portal Terra.lettras.mus.com.br/Oswaldo-Montenegro. Álbum: “A partir de agora”. 2006. Vídeo do Youtube disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JZ3g5WgT0Qw>. Acesso em: 21. mar. 2021.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. *In:* ACHARD, P. *et al.* **Papel da memória.** Campinas: Pontes Editores, 2007.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

TADDEO, L. Eleições na Argentina podem mudar rumos do combate a corrupção. **UOL**, 25 out. 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2019/10/25/eleicoes-na-argentina-podem-mudar-rumos-do-combate-a-corrupcao.htm>. Acesso em: 25 out. 2019

TEODORO, P. Com a arte, chilenos criam uma nova forma de protesto para vencer a truculência neoliberal. **Revista Forum**, 26 out. 2019. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/global/com-a-arte-chilenos-criam-uma-nova-forma-de-protesto-para-vencer-a-truculencia-neoliberal/>. Acesso em: 10 nov. 2019.

VENTURINI, L. O que há de Lula no governo Dilma. **Nexo Jornal**, Edição de 11 nov. 2015. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2015/11/11/O-que-h%C3%A1-de-Lula-no-governo-Dilma>. Acesso em: 14 nov. 2020.

Y UN día irrumpieron las calzas. **CLARIN**, Edição de 21 set. 2013. Disponível em: https://www.clarin.com/politica/dia-irrumpieron-calzas_0_BkZtgNowQg.html. Acesso em: 14 nov. 2020.

ŽIŽEK, S. **Violência:** seis reflexões laterais. Tradução: Miguel Serras Pereira. São Paulo: Boitempo, 2014.